



Magnólia Borges

*Histórias bem
contadas
da Amazônia*

Poesia narrativa de ficção



Editora Gato Ed

Um e-book especial, que faz releituras de nossas lendas a partir do olhar de Magnólia Borges. A autora nos tira da zona de conforto e nos faz questionar sobre o mundo fantástico que está ao nosso redor. Será que a sereia está nos observando de cima de algum prédio agora? Será que realmente estamos cercadas por seres invisíveis? Talvez esses seres façam tão parte de nossas vidas e que não sabemos dimensionar quando estão diante de nós vivendo suas aventuras. E tu, já parastes para pensar e enxergar o invisível?

Leila Leite



Magnólia Borges

Histórias bem contadas da Amazônia

Poesia narrativa de ficção

Editora Gato Ed

2025

Capa: Magnólia Borges
Diagramação: Leila Leite
Edição: Leila Leite
Imagens: Internet
Texto: Manólia Borges

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial

B732

Borges, Magnólia.

Histórias bem contadas da Amazônia : poesia narrativa
de ficção [recurso eletrônico] / Magnólia Borges. — 1. ed.
— Belém : Gato Ed, 2025.
Dados eletrônicos (pdf).

ISBN 978-65-6036-913-9

1. Amazônia - Lendas - Poesia. 2. Poesia brasileira.
3. Literatura brasileira. I. Título.

CDD23: B869.1

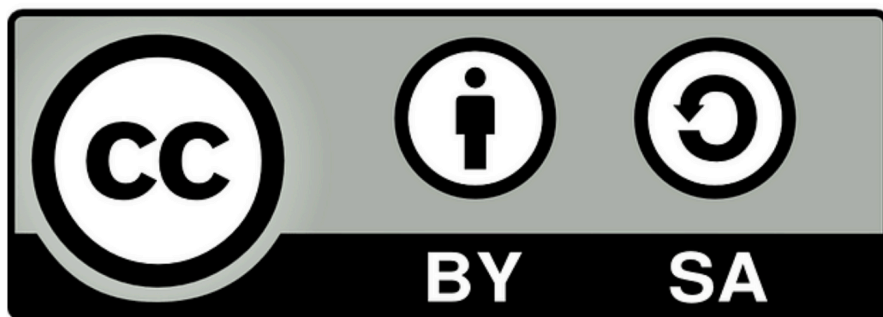
I150425

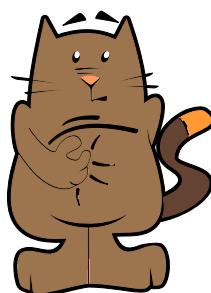
Bibliotecária: Priscila Pena Machado - CRB-7/6971

**Este livro é disponibilizado de forma
gratuita em seu formato e-book no site
da Editora Gato Ed.
editoragatoed.com.br**



E-BOOK GRATUITO

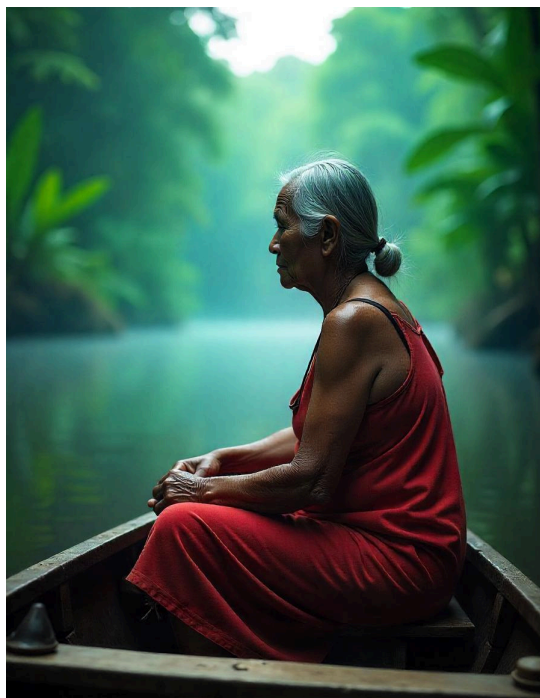




APOIO

**Apoie o trabalho da Editora e do
Instituto Gato Ed
Faça uma doação de qualquer valor
Pix: leilaleiteferreira@gmail.com**

apresentação



Primeiramente, é bom esclarecer que esse livro não é infantil, nem juvenil, nem somente adulto, nem somente realista, tampouco fantasioso ao extremo. Ele não se enquadra em uma caixinha qualquer. Não. Ele é solto, livre, e aborda uma série de assuntos, com uma pitada de cada uma dessas coisas citadas acima e muito mais. Fala da vida real, irreal, de sonhos, e da realidade dura de algumas pessoas desse mundão de meu Deus. Ele vai desde a história de um menino abduzido pelo celular, por conta de um descontrole tecnológico, até a sereia; guardiã do Ver o Peso. Esse é um livro recheado de lições e ensinamentos, onde trago temas e conteúdos de caráter pedagógico. Faz um entrelaçamento, entre mitos da Amazônia e histórias reais dos seres humanos. Não fala apenas do mito pelo mito. Mas , sim, usa o mito para retratar alguma dificuldade das pessoas, que precisa ser resolvida e mostra como resolvê-la.

Também, é importante que , aqui , vemos, além da história, aprendizagem, além do enredo; meditação, além das situações; mudança de atitude para melhorarmos conosco e com o mundo. Fala da natureza, do meio ambiente, da força de vontade necessária pra vencer. Da tecnologia, dos vícios e virtudes do Ser Humano. Um toque geral sobre a Vida.

Outra questão importante, são as diferenças desse, para os meus livros anteriores: Aqui eu venho inovar completamente por serem narrativas poéticas. Por isso o nome: Histórias bem contadas, por todo um trabalho especial na linguagem, são histórias fictícias, mas, totalmente, baseadas na vida real. O segundo diferencial, é um livro ilustrado, conforme as cenas ocorridas, e, por último, mas também importantíssimo, é o fato de serem Histórias Amazônicas. São situações vividas na nossa Região Norte, suas riquezas, suas dificuldades, suas alegrias, e seu povo guerreiro, Portanto, vale muito à pena mergulhar nessa aventura!

Magnólia Borges

AGRADECIMENTOS

É um hábito meu, e, desta vez, não poderia ser diferente, agradeço primeiramente a Deus por tudo, tudo que ele me concedeu nesta vida : família, saúde, paz, amor, sucesso, o dom de escrever, etc. É muita coisa maravilhosa, graças a Deus!

Agradeço sempre aos meus pais que sempre fizeram tudo por mim, me colocaram no mundo, me amaram e me ensinaram valores que fazem de mim uma pessoa do bem, de fé, da paz, da integridade e tantas outras pérolas no meu caráter, que, certamente, devo a eles. Hoje, infelizmente, eles não estão mais aqui neste plano, estão lá, junto a Jesus e Nossa Senhora, rogando por mim.

Agradeço também, minha companheira de vida, de luta e de ajuda mútua sempre: Rosana, E , minha família, meus irmãos amados que me ajudam a Nortear minha vida.

Magnólia Borges

Sumário

- 01- A SEREIA ENCANTADA DO VER-O-PESO...12**
- 02- O GAROTO ABDUZIDO PELO CELULAR...23**
- 03 – OS BOTINHOS ENCANTADOS DO AÇAÍ...37**
- 04 - O MISTÉRIO DO GAROTO TABAJARA...44**
- 05 - O CASAMENTO DO SACI COM A MATINTA PERERA...55**
- 06- A IARA E O BOTO : ROMANCE ATÉ DEBAIXO D'ÁGUA...68**

A Seria Encantada do Ver-O-Peso





A Sereia Encantada do Ver-O-Peso

Reza a Lenda

Que, nas noites de sexta-feira,

Na Pedra do peixe do Ver-o-Peso,

Em noite enluarada,

Aparece uma sereia encantada

De pele negra e negros cabelos,

Que, se desmancha em zelos

Pra proteger a Baía.

Seu corpo esbelto , pele bem tratada

Recebe da noite estrelada,

Brilho no corpo e no olhar

Como a Iracema de Alencar,

Como cabocla da Amazônia.

Mas, sofre de dor e insônia

Quando vê agredirem seu rio.

Aí, é triste seu assobio,

Aí, seu canto é brado de dor.

Quando vem um pescador





Despejar restos podres do dia
Na sua farta Baia.
Ela não suporta quieta
Essa facada na espinha
E, se retorce todinha
E, retruca com voracidade.
E, se a pessoa faz por maldade,
Vai sofrer consequência.
Mas, se faz por inocência,
Será apenas advertido
Pela guardiã da Baia.
Alguns contam que, um dia,
Nuvens escuras, céu nublado,
No chão: frutas, peixes, Tudo espalhado...
Um homem que fazia a limpeza,
Varreu todo o lixo que viu,
E jogou tudo, tudo no rio.





E, na mesma hora, tudo voltou à terra.
O homem, assustado, berra!
Seus olhos, de medo e espanto,
Enxergaram um verde manto,
Emergir e mergulhar novamente.
Noite fria, água quente!
Gestos grotescos em homens sérios.
E, as águas profundas escondem mistérios!
Peixes fecundam fêmeas, isso é vida!





Que não se pode matar.
O homem do lixo, sumiu do lugar,
E, nunca mais se teve notícia.
Então, se sopra o vento do rio,
E, se ouve um assobio,
Vindo das profundezas,
Um canto doce, fala das belezas
Que a natureza nos oferece;
Fala que, quando amanhece,
O ciclo se renova na vida.





E, todo ser: Fauna e flora,
Cumpre sua missão,
De plantar vida no chão,
No ar, no mar, na mata, no ser...
De viver e fazer viver!
E cuidar de tudo que nos rodeia,
Isso canta a Sereia
E temos que respeitar.
Há quem diga, empolgado,
Que, as lojas, peixes, embarcações, mercado...
Tudo ao redor, conhece a Sereia.
Que, em noite de lua cheia,
Fiscaliza a limpeza do lugar.
Com olhos atentos no rio e na pista,
A Sereia ambientalista.
É lara, é mãe, é mãe d'água,
Que vigia e deságua
Do rio pra terra, da terra pro rio





E saiu remando pra longe do cais.
Noite fria, vento forte demais,
E as ondas muito agitadas.
De repente, um grito de furor!
E, a Sereia, como Gigante Adamastor,
Ergue-se, gigante, à frente da canoa.
Ouve-se um uivo,
Um misto de ameaça e dor,
Um frio na espinha do pescador,
E, ele ali, assustado, sem entender nada.
Olhos arregalados, espinha gelada.



Balbucia: - Ai, meu Deus!

E, a Sereia, com voz doce, forte, quente...

Soluça, chora e, fala finalmente:

“ – Não destrói o que te alimenta:

Solo, água, terra, planta, ar...

A vida é tua, mas pode acabar

Se matares o meio ambiente,

Não vai restar nada, nem planta, nem gente,





Nem bicho, nem solo, nem nada,
Só uma montanha de entulhos abandonada,
Seca, tórrida, mofenta, ressequida.
Tens que preservar a vida,
Se queres viver no futuro.
Se não pensas em ti,
Pensa nos filhos e netos,
Não jogue no rio os dejetos,
Não mate o peixe, teu alimento,
Não mate a força do vento,
Do rio, dos frutos, de tudo mais,
Não afogue os animais
Com o lixo jogado no rio,
Senão, teu prato vazio,
Te matará também, um dia.
Eu sou a guardiã da Baía.
Eu sou a guardiã da vida! “
E, daí, ela sopra a embarcação
De volta ao porto seguro



E, nas águas barrentas, no escuro,
Entre ondas e ondas, rio comprido...
O pescador, arrependido
Retorna, com seu lixo, à encosta segura
E chora, e reza, e se arrepia, e jura!
Nunca mais sujar o meio ambiente
E foi assim, nessa noite quente,
De frios arrepios no cais
Que o pescador nunca mais
Foi visto pela redondeza
E a sereia, Sua Alteza!
Sentada na pedra do Ver o Peso
Olhar fixo, corpo teso.
Observa e protege o rio
Com encanto, firmeza e sensatez!
Então, dizem que, certa vez
Correu a notícia :
“Prefeito visita a pedra encantada”
Esse prefeito não fazia nada.





Na feira : Lonas rasgadas , imundície,
Água suja, insegurança, lixo na calçada...
A grande feira, totalmente abandonada.
Numa cidade histórica e quatrocentona
Que o Poder Público, ignora e abandona
Sem se importar com o caos.
Então, a notícia correu de boca em boca
A visita do Prefeito atraiu a multidão.
Naquela noite : Luz, câmera, ação.
Tudo pronto, o Homem começa seu discurso
Se auto eleva, promete, jura, cria...
Até que, de repente, uma forte ventania





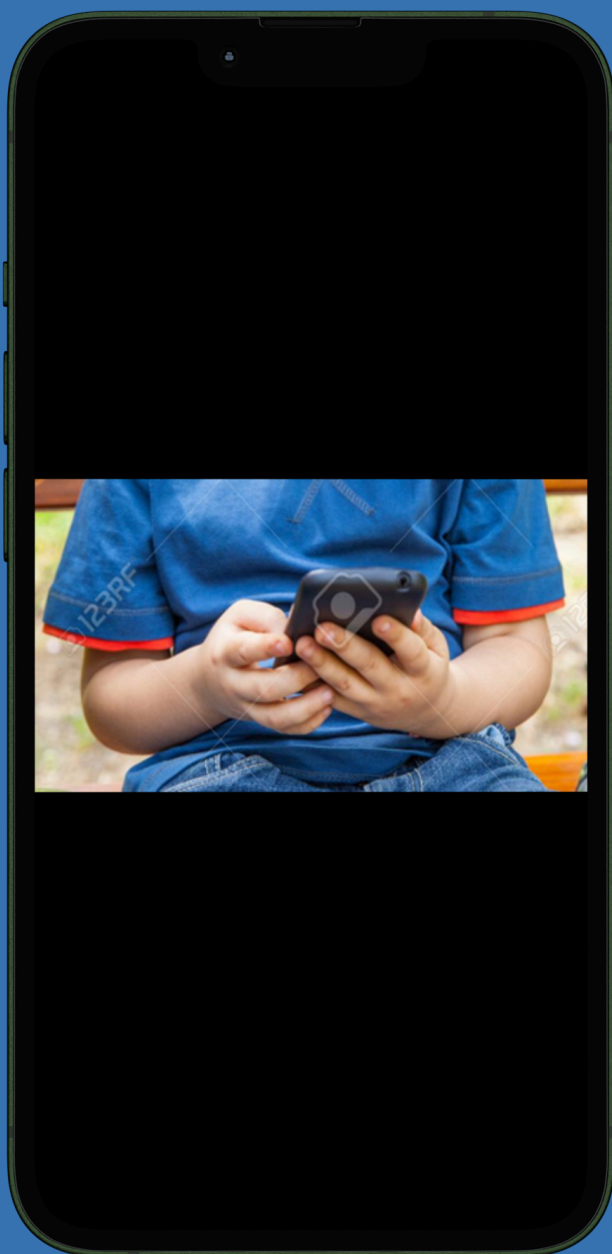
Escurece tudo num instante,
Forma-se uma tromba d'água gigante.
Estúpida tempestade sobre as cabeças assustadas
Quebra barcos, carros, vidraças, escadas...
E corre o povo, a imprensa, a autoridade
E inunda as ruas da cidade
E ouve-se um grito agudo no ar :
“Natureza é pra se cuidar !
Natureza é pra se cuidar!”
O medo dispersou a multidão apavorada.
No corre corre, muita gente ferida.
O Prefeito caiu tonto na Avenida.
E o show fez-se tragédia no rio.
Nessa hora, um longo assobio
Soou na noite escura de terror
E, perdeu-se no além do medo.
Mas o caso não ficou em segredo.





Correu, dos ribeirinhos à elite
Acredite se quiser, mas acredite!
Só sabe quem viu o acontecido
Do prefeito que foi repreendido
Pela Sereia encantada
Numa noite inusitada
Onde o brilho foi do Mito
Que quer o rio puro e bonito
E, por isso sofre e luta
Mesmo que sua conduta
Seja de injúria e revolta
Contra atitudes de destruição.
E assim, acredite se quiser,
A Sereia, vestida de mulher;
Com batidas suaves e lentas,
Protege as águas barrentas
Da Baía do Guajará!

O Garoto Abduzido pelo celular





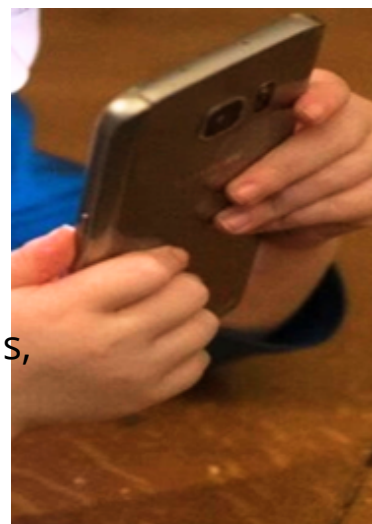
Século XXI

Arte e ciência todo dia .
È a Era da tecnologia .
Tudo evoluído, tudo on line,
Tudo rapidamente.
Ninguém mais conversa pessoalmente.
Tudo em um clic e ensaio.
Tudo veloz como um raio!
E, aquela cidade florida,
Seguia, virtual, sua vida.
E, um garoto estudante,
Obcecado por redes sociais,
Já nem falava mais,
Não estudava, não sorria,
Não via o mundo ao seu redor.





Esse é um mal concreto.
Pessoas dominadas por um objeto,
Perdem o controle das suas ações,
Dos seus atos, sua vida, sua mente...
Perdem a condição de gente!
Ficam tontas, entorpecidas, robotizadas.
Não vêem o mar, não apreciam noites estreladas,
Não percebem a vida passar à sua frente.
As máquinas servem para nos servir,
Para tornar prática a vida do cidadão.
Mas, quando perdem sua função
E, te embriagam e te dominam
Em guilhotina, força e nós;
Tornam-se teu algoz





E tu viras espécie coisificada,
Galho seco, sem cor, sem broto...
Então, voltemos ao garoto,
Ele tinha nove anos nesse momento,
Cabelos enrolados, olhos atentos.
Mas, atentos só ao celular.
Estudava em escola particular,
Era de uma família classe alta.
Seus pais compensavam sua falta
Com luxo e caros presentes.
Alguns fazem isso com os adolescentes
Quando o trabalho de educar é demais.
Assim faziam seus pais.
Ela, promotora; ele, advogado.
Colocavam o garoto num quadrado.
Mundo quadrado, doce vespeiro





Muito ocupados em ganhar dinheiro,
Pouco tempo pro rebento,
Fechado num apartamento,
O tempo todo, olhos na tela.
Entre porcelanato e janela,
Entre janelas e janelas obscuras
Falso mundo, falsas juras,
O garoto mergulhava no mundo virtual.
Repetia de ano na escola, ía mal,
Sua vida caminhava pro medo e pra depressão.
Rico e solitário, ocupado e evasivo.
Viver , requer um motivo
E, todos precisam viver
Com alegria e com razão.
E assim, o garoto João
Precisava de outra vida,
Uma chance, uma mão estendida.
Precisava de socorro urgente.





Até que um dia, um Clic desconhecido...

Tum !!! João foi abduzido.

Totalmente engolido pelo celular.

Quando os pais entraram no quarto,

Suas pernas esperneavam no ar.

Ele era sugado, de vagar.

O pai , em choque; a mãe, apavorada!

Olhando a cena inusitada,

Sem entender, sem crer, sem ação.

Agora, suas vidas, sem João,

Mostravam qual o sentido da vida

E que o ser humano é o mais importante.

Não tem dinheiro, fortuna, brilhante...

Que valha mais que o amor.

Por isso , a doutora e o doutor,

Olhando a cena, ficaram perdidos,

Atônitos, estáticos, visão pálida e amarela.

Enquanto isso, do outro lado da tela;

O garoto chegou a um lugar encantado.

Floresta, de um azul,

verde, vermelho,dourado...





Ali, naquele Paraíso encantado!
As águas dos rios, num azul-esverdeado
Onde eles mergulhavam pra se refrescar.
Ali não havia celular.
Só havia natureza: Fauna e flora!
Saíam do rio, deslizavam nas dunas,
Areia branca, montes encantadores...
Depois regavam e colhiam flores
Pra enfeitar um barraco feito de sapê
Num chão de pétalas brancas,
vermelhas, amarelas, fumê...
Tudo cercado de árvores e rios e jardins





De uma Amazônia rústica e desconhecida
Que , de repente , cruzou sua vida.
E, à noite, a lua clareava a fantasia
No final de um longo, quente e alegre dia.
E a vida seguia, dias e horas, cabelo ao vento
E o riso saía frouxo de contentamento.
O céu azul, brisa leve, montanha florida...
Enquanto isso, do lado daqui da vida
A família do garoto mergulhava na interrogação,
Olhando tudo; com o celular na mão
E, vendo, na tela, o que acontecia lá :
O céu, o sol, os animais do lugar,
As hortaliças verdes, um enorme jardim,
Paisagens coloridas, vermelho carmim...
Tudo doce, misterioso e roxo- azulado
Num mundo mágico, colorido, encantado





De uma beleza única e rara
Onde as pessoas conversam cara a cara
E onde, cada hora é novidade pro menino.
Ele bebia água num riacho cristalino
E se banhava e apreciava a natureza.
As horas passavam lentas,
Os peixes sorriam de alegria.
Noite calma, fresco dia!,
Os pássaros : Família, casal!
De uma paz que João nunca vira igual.
E seus pais ali, com medo, mas comovidos.
Sem saber, qual atitude caberia,
Juizado, mídia, delegacia...



E continuaram, dias e dias na inércia
Vendo o inusitado da situação.
Queriam de volta seu filho João
E, no fundo, prometiam mudança:
Dar mais amor e atenção à criança,
E viver, e conviver, e dialogar, e sorrir...
Saboreando a vida num forte abraço,
Viver aqui ; tempo e espaço!
E valorizar o que, realmente importa.
E, nesse momento, hora tonta e morta,
Onde o arrependimento mata vidas e vidas
O noticiário falava de crianças desaparecidas.



E valorizar o que, realmente importa.
E, nesse momento, hora tonta e morta,
Onde o arrependimento mata vidas e vidas
O noticiário falava de crianças desaparecidas.
E eles atentos, susto e medo o tempo inteiro.
Talvez, seu filho não fosse o primeiro.
Viram a dor das famílias sofridas.
Quem sabe, outras crianças abduzidas!
Já que o “vício” do celular afeta tantos...
Aí então, o casal , em prantos,
Busca enfim ajuda policial
Mas o delegado diz : - Esse caso não é normal!





Nada a ser feito, não resolvo casos do além.
Dito isso, o casal volta pra casa
Cada dia, à espera de novidade
E dói fundo a dor da saudade!
De quem, um dia, correu pelos nossos dedos
Sem adivinhar os segredos,
Sem viver o amor que se tem.
Do lado de lá, o garoto parecia bem.
Flores cintilavam o céu da campina.
Ele corria e rodopiava com a menina
E, juntos, desbravavam os campos do lugar
Até que um dia desejou voltar !
Por mais que alifosse belo demais,
Ele começou a sentir saudade dos pais
Apesar da convivência torpe que era,
Viu as flores da primavera!
E lembrou de algum passeio do passado





E o sangue e o amor falaram mais forte.
Pensou que , com um pouco de sorte,
Encontraria o caminho de volta.
E essa passou a ser sua meta agora
Construiu uma jangada, remou mar afora.
Mas foi jogado de volta ao lugar.
Fez uma cápsula, não conseguiu voar.
Muitas tentativas frustradas,
Algem choro e desilusão.
Até que um dia, olhou pro céu, João
E desejou, com toda a força da mente,
Voltar pra casa e fazer diferente.
Seu desejo cruzou com o de seus pais
Em algum lugar do continente
Em uma Via-Láctea transcendente
Se cruzam a vida, o pensamento e o olhar
E ninguém consegue explicar.
Então nesse dia, de forte vento, ventania!





Rodopiou tudo num grande furacão
E rodopiou, ponta a cabeça, João!
Impulsionado em direção ao sol
Foram horas rodando, sol, chuva, brisa, vento...
Eas cenas do passado no pensamento
Como cenas de uma novela.
O garoto viu como a vida é bela!
Se vivida na arte de conviver!
E a brisa acalma, e o sol; abrasa
E, após horas e horas rodopiando.
O garoto, enfim, caiu em sua casa!
E ele, e os pais, num forte abraço!
O amor une, a família é laço.
Laço apertado de sensatez!
E daí pra frente, os três
Aprenderam realmente a c o n v i v e r !



OS BOTINHOS ENCANTADOS DO AÇAÍ





Diz a lenda que numa tardezinha

Uma garotinha

Caminhou rumo ao rio.

De repente, o que viu?

Viu um garotinho.

Ora boto, ora garoto.

Estava distante, vista nebulosa

Mas, a garota curiosa

Quis ver o que era.

Sombra da lua, lua esfera!

Caminhos do rio, chega lá.

Rio, doce rio Guamá!

Tarde-noite, lua cheia!

O menino fazia castelos na areia.

A menina chegou perto demais:

- Oi , o que você faz ?

- Faço castelinhos encantados.

Porta aberta, sonhos dourados,

Sem muro, sem medo,

Sem susto, sem violência.

Sonhos de criança : Inocência!





Brinco sozinho, quer brincar comigo ?

- Quero sim meu amigo!

Tenho esperança, também sou criança,

À luz da sombra vazia,

Viajo na fantasia

E conheço a imaginação !

Nessa hora, o mar , a lua,

A sombra , o luar , o rio...

Tudo fez-seem assobio

Nas ondas fortes e mansas.

O luar cobriu as crianças

Com suas vidas inocentes

E, em meio ao rio de correntes

Tudo luz, e riso, e alegria

À sombra da noite quente-fria

A água doce do Rio Guamá

Chamou as crianças pra nadar.

Elas caminharam, pé ante pé





Pras águas misteriosas
Na noite, sob o céu azul.
E, num mergulho, de repente, TCHUUU !!!
Botos cor de rosa!
O menino e sua coleguinha,
Agora: Botinho e botinha!
Lançaram-se no além-mar!
Da vida, do sonho, da rede de renda.
Assim diz a lenda!
E fizeram castelos,
Montes claros, belos.
Fizeram casebres encantados,
Fizeram barcos pra pescador,
Peixe, rio, sonho de amor.
Construíram um mundo inteiro
Com Poraquê batendo no açaizeiro
Pra tirar seu alimento, na Baía capital.
Soprando as mangueiras do quintal!
A garota e o garoto
Tudo rio, e riso, e boto,





E mãe d'água com seu doce canto
Num dia sem dor e sem pranto
De encantamento, de vento, de rio...
Dois rostos, como ninguém viu.
Castelo aberto em vento e fenda.
Tudo isso, diz a lenda
Da botinha e do botinho
Girando enternecidos,
Como velhos conhecidos
Na inocênciasua,
Olhos na noite de lua.
Brincando na areia sozinhos
Como filhos de ribeirinhos,
Como filhos da constelação!
De Belém , na noite-dia
Socorridos pela maresia.
Maresia, mãe da natureza!!
Que olha os filhos com carinho
Como canto de passarinho,
Na inocência e no contentamento.
Mas , eis que numa noite, um vento,
Como a voz de um trovão





Falou: - “Vocês tem uma missão!
Vão zelar pela preservação do açaí,
Alimento sagrado do povo daqui;
Que traz força, fibra, ferro, energia...
Vocês brincam durante o dia,
Mas, de noite, recolhem os caroços
Que o poraquê joga no chão
E vão plantar em toda a região,
Garantindo a preservação da espécie
Em cada canto, cada cantinho,
Alimento da cidade e do ribeirão.
Alimento, simplesmente; alimento!”
Assim falou a voz do vento
Da missão do botinho e da botinha.
E, durante a noite inteirinha,
Os dois começaram a trabalhar
Num mergulho, num salto: cesta cheia!





De sementes que o povo saboreia
Sem saber quem preserva a semente.
O suco escorre da boca da gente
Graças ao trabalho do casal
Que percorre as noites, quintal a quintal.
No mangue, no rio, na terra fértil do lugar
E planta açaí , pro açaí nunca acabar.
E, nas noites enluaradas,
Os ribeirinhos ouvem mergulhos
Mas não conseguem ver nada.
É a duplinha encantada
Fazendo trabalho de preservação.
Noite clara, constelação!
Estrelas aplaudem os botos daqui
Que preservam o nosso açaí
P r o a ç a í n u n c a a c a b a r !!!



O MISTÉRIO DO GAROTO TABAJARA





O garoto Tabajara, Tabajara nasceu!
Lá pros lados de Barcarena, no Pará.
Naquela noite quente de lua cheia.
A tribo toda, roda na areia!
A mãe, o pai, cachimbo da paz!
E uma grande fogueira na aldeia.
Dizem que, quem nasce na lua cheia,
Cheia de alegria, sua vida será,
Cheia de mistérios,
De fatos inusitados pra contar.
É lua que brilha, pra vida brilhar!
E a lua de luz, jogou luz no garoto!
A água sorriu, sorriu a floresta
E a aldeia lá , noite de festa!
A noite inteira, ninguém dormiu.
Era dança, era pintura, era assobio...
O fogo da fogueira, via-se de longe
O Saci, a lara, todo ser da mata viu
Clareou a mata, alegrou-se o rio
E a tribo cantou s dançou com alegria.





Então, mal clareou o dia,
O pajé pegou a criança,
Levantou-a acima da sua cabeça
E a apresentou ao sol em brilho
E disse: - "Esse também é teu filho,
Faz dele homem forte,
Que lute até a morte
Com honra, força, fibra e fé!"
Dito isso, o pajé
Mergulhou o menino no rio,
Nu, como veio ao mundo.
Segurando pelos pés.
E disse: "- Agora, tu és
Mais um filho Tabajara!"
E assim foi "batizado"
O indiozinho lueré
Pelas mãos do velho pajé
Que era também seu avô
Homem de sabedoria, sábio senhor!
Tribo de luta, de firmeza, povo guerreiro
Que lutava contra o garimpeiro,





Contra grileiro e tanto inimigo.
Lutou, combateu o perigo
E, seu nome eternizou.
A tribo era perto do rio.
Ali tem ar , água, comida...
E tudomais que se precisa.
Tem peixe, tem fruta, tem sol, tem brisa...
O alimento vem na ponta da lança.
Tudo isso, o índio ensina pra criança.
Ensina que, selva é pra respeitar,
Rio, é pra cuidar
Porque, isso retorna pra nós
Em forma de saúde e vida
E a natureza, comovida,
Sopra pra nós ; coisas boas
Portanto, se todas as pessoas
Cuidarem da mãe natureza,
Haverá vida , com certeza
Vida boapra se viver!
Então, voltemos ao nosso indiozinho.
lueré, já com dois anos de idade,
Corre e pula e alegre o lugar.





Agora é hora de aprender a nadar.
E o pai leva o garoto para o rio
E o joga, uma, duas, três vezes...
E ensina, movimentos de mãos e pés.
E mostra o frescor , a flor e o espinho.
Até ele começar a emergir sozinho.
Cada esperneio, cada braçadinha,
Cada choro, cada; "fazer de novo"
Mostra os costumes de seu povo.
Mostra sua cultura e o que precisa saber.
No outro dia, treino novamente.
E; no outro, e no outro, meses a fio,
Até que o pai, jogue o garoto no rio,
E ele; nade feito um peixinho !
E, isso fez o garotinho
Antes de completar três anos de vida.
E a vida, é estrada esquecida!
E seguiram dias, meses, anos...
A criança, agora adolescente,





Nadando em água corrente
Perto e longe da represa.
E a vida é eterna surpresa.
Às vezes brisa, às vezes ventania!
E o garoto cresceu, espinho de rebeldia.
No rosto latente de quem não entende nada.
A tribo na roda, ele; boca calada!
Pintura na cara, ele; cara limpa.
Corrida com tronco : Brilhante!
E o rapaz lá, bem distante.
E as águas turvas na cara
Daquela tribo Tabajara
Que via no filho, um peixe fora do mar.
A mãe falava, ele retrucava
O pai pedia, ele rebatia.
Foram brigas e brigas , e trovões e torrentes.
Como arebeldia de tantos adolescentes.





Iueré, não entendia a cultura a qual pertencia.

Passou o tempo, até que um dia,

O rapaz, sentado na beira do rio,

Rio de águas turvas,

Sossego na localidade ribeirinha.

Escurece cedo, era tardezinha...

Ouve-se um barulho estranho no rio

E, muito espantado, o índio viu

Uma cobra luminosa e gigante.

É a cobra grande encantada.

Diz a lenda, que ali é sua morada.

Ela é a cobra fera, gigante temida.

Nas águas turvas do Guajará nascida!

Corpo brilhante, olhos de luz poderosa

Como dois faróis de barco na escuridão.

Agita as águas, afunda embarcação.

Mas, às vezes, é justiceira voraz.

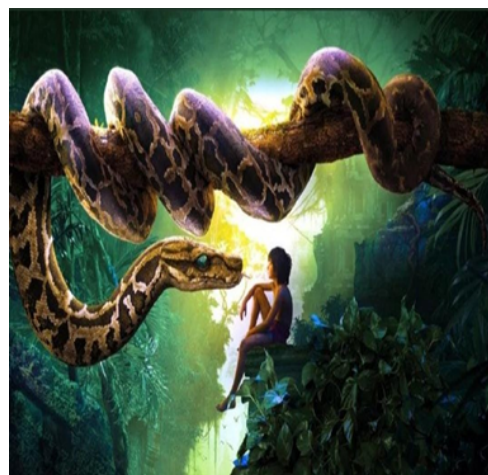
De súbito, ela puxou o rapaz!

E o arrastou para as águas profundas





Muito além da imaginação.
Não deu tempo de nada, não!
Nem corrida, nem susto, nem grito
Quando se viu emaranhado no mito.
No fundo das águas, uma voz ecoava:
“Tu Tabajara, nascido e criado
Nas matas da Amazônia,
Em boa tribo e Nação
Porque renegas tua tradição?
Porque tanto manchas tua tribo?
Pobre criatura de rancores e atitude vil
Respeita quem te pariu.
És a imagem de alguém.
Portanto, para o teu bem,
Se queres sobreviver,
Eu te dou uma chance:
Promete mudar de atitude
E viver, com alegria, tua cultura!
Não, não promete, jura!
E eu te libertarei!”
A voz falava e repetia





E ele ali, nem se movia.

Os olhos arregalados de terror.

Parecia um pesadelo, mas era real

Ele ali, nas águas profundas.

Ele e a enorme serpente.

Foi então que, de repente:

- "Eu juro sim, viver minha sina,

Usar a pena, pintar minha cara.

Sou índio Tabajara!

Para sempre hei de ser!"

Isso parecia madrugada.

Mas, a tribo já estava desesperada

Pois , muitos dias haviam se passado.

O índio foi dado como morto

E foi feito todo o ritual

De reza, de fumaça, de pajelança...

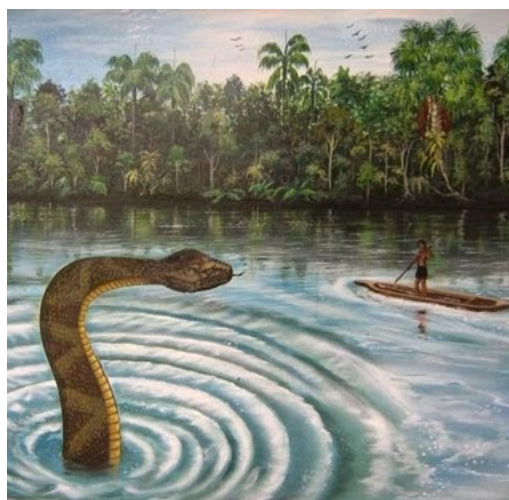
Mas, de repente, uma esperança:

Um vulto na noite escura





Se aproxima da taba do pajé.
E eis que chega Iueré!
De carne e osso, e pena, e cocar,
E corpoforte e esculpido
Como se nada tivesse acontecido.
E sorri, e canta, e roda, e dança
Como se fosse criança
E pede pra tribo, também dançar!
E a noite se faz, noite boa!
O rapaz agora, era outra pessoa.
Outra espécie, outra mente, outra alma.
Ouvia a tribo, tinha calma!
Passarinho no galho, entoando canto novo!
Vai jovem índio e mostra pro teu povo
O bem, o bom, o melhor do ser humano!
Assim aconteceu com Iueré,
Da tribo Tabajara
Que viu a morte, cara a cara
Nas profundezas do Guajará





E voltou de lá, índio verdadeiro
De pai e mãe e pintura e cocar e pena!
Do tamanho da paz mais amena
Que um indígena pode ter!

O CASAMENTO DO SACI COM A MATINTA PERERA





O CASAMENTO DO SACI COM A MATINTA PERERA

De repente surgiu um fato
No meio do mato
E foi o maior ti ti ti
O casamento da Matinta com o Saci !
E a floresta ficou agitada
Como boato, que se espalha e se pinta.
Logo a dona Matinta...
Sempre tão recatada,
Num canto encolhida, calada.
Com aquele jeitão de poucos amigos.
Cabeça baixa, profetizando perigos
E assustando a pessoa que passa.
Nunca sorria, nunca fazia graça.
Nunca relevava um entrave
De dia mulher, de noite ave!
Cara fechada, braba, funesta,





Concentrada em proteger a floresta.
Ninguém pensava não
Que ela tinha coração!
E o Saci então, nem se fala,
Garoto matreiro e brincalhão,
Fumando cachimbo, dando nó.,
Pulando com uma perna só.
Aagitava a floresta inteira.
Salto em salto, tudo brincadeira!
Nada levava a sério, não.
Sua vida era diversão!
Com gorro vermelho brilhando no
escuro
E ria um riso frouxo e sagaz.
E assim, a floresta seguia em paz,
Sua doce sina de floresta!
Rios, aves, mata, montanha..
Mas, de repente, o coração se
assanha



E quer um pé pra esquentar seu sapato!
E, assim aconteceu no mato
Em meio à sombra do matagal
A flecha do amor acerta o casal!
De súbito, da cabeça aos pés.
O amor mostra quem és!





Sem barreiras, sem imperfeições.
Foi assim que essas duas
assombrações,
Se viram em um olhar só
Lá pras bandas do Marajó.
Floresta aberta na floresta !
De mistérios, de medos, de
devastação ...
Onde o homem destrói, por ambição.



E a Matinta protege a floresta
Contra garimpeiro, contra
madeireiro.
Contra tudo que à mata agrida.
A mata tem sua guarida
No dia de sol e, na noite escura.
E ela jura de pés juntos, jura!
Combater, qualquer tipo de
destruição





Com cara feia de assombração
E gestos de fúria e frenesi.
Por outro lado, o Saci,
Jovem sapeca e brincalhão,
Por pura diversão,





Pregava sustos, dava estalos,
Amarrava a crina dos cavalos,
Roubava fumo e fazia a festa!
Mas também protegia a floresta
De um jeito torto e infantil!
Quantas vezes, um garimpeiro viu
Um vulto pular em uma perna só
E gargalhar no escuro do nevoeiro
E saía em fuga o garimpeiro



Apenas vivia e brincava, e protegia a mata!
Com a leveza de um jovem de alma pura.
Assim vivia essa pequena criatura!
Mas, vamos lá para a cena inusitada
Onde Cupido flecha as assombrações:
Era tarde da noite, noite de trovões!
De rios agitados, forte ventania!
Embaixo de uma árvore se via,
Capa preta, noite escura...
Uma mulher, cara feia e dura

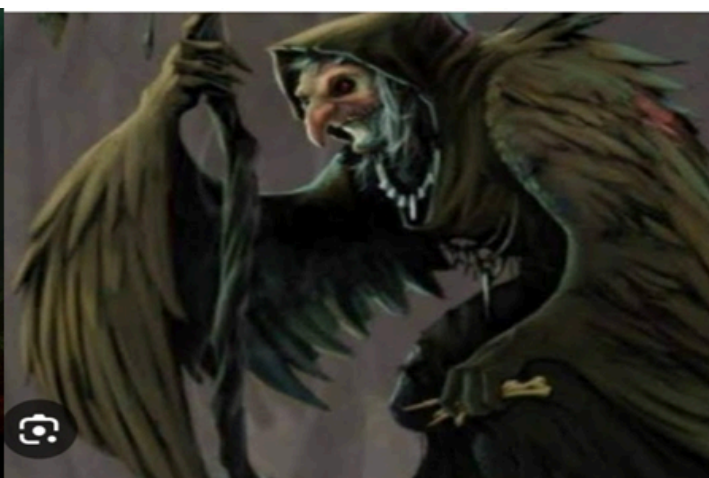
Picava tabaco pra preparar seu fumo.
Noutra árvore, perto dali,
Acendia um cachimbo o Saci



E os dois ali, entretidos ,
Olhando a fumaça no ar!
De repente, cruzaram o olhar!
Foi susto, medo, admiração...
Ele, jovem brincalhão!
Ela, idosa de semblante assustador.
Mas, quem entende os caprichos do amor?
Nada é impossível não!
Depois de instantes de paralização,



Os dois começaram a falar.
Ela disse: - Você quer me assustar?
Com voz brande e rara.
E ele: - Pior é a sua cara!
E os dois começaram a rir
Como dois velhos conhecidos.
Ela contando causos vividos.
E ele contando peraltices de adolescente.
E a noite passou calmamente!
E a luz do sol chegou, já era dia!
Ninguém sentiu a noite fria!
Ninguém viu o passar das horas lentas .
E o so Imostrou mais suas ventas



acendendo a paixão
De opostos, de iguais, tantos, vários...
De dois seres solitários
Que, de repente, encontram um par!
Nas cem razões pra amar
Na mata serrada da Amazônia!
De mistérios, e paz, e confusões,
De araras, e mico leões
E de tanta riqueza e devastação,
Uma assombração encontra outra assombração
E vivem ali o amor, e a paz sob o céu cinzento!
Então, vamos lá ao casamento .
Foi assim: Festa animada ,
Convidaram toda a bicharada ,





E pessoas, e visagense todo ser com vida
Houve música e boa comida,
E enfeites e ramos de rosa.
AMatinta: Mulher caprichosa !
Vestiu um preto e longo vestido,
Cara seca, nariz comprido...
Eele: Preto paletó.
Não importa se, uma perna só.
Não importa nada para o amor!
Porque o amor é pedra, preciosa e rara!
Veio um Pajé da tribo Tabajara,
Velho conhecido da redondeza
E, ao redor da fogueira acesa,
Disse que o amor é pra vida inteira!
E todos ali, ao redor da fogueira,
Em noite de lua branca como marfim!
E oasal disse: Sim!
E tudo ao redor sorriu :
Mata, bichos, tribos, rio...
Tudo lindo como lindos impérios.
E o Norte tem muitos mistérios
E a floresta, mais mistérios ainda!
E o amor é sério, e a paixão é linda!





E o casal, enamorado, seguiu mãos dadas
Pelas noites frias das madrugadas!
Que, com o amor, noite quente!
Como o aconchego de gente,
Como tudo de bom que o amor faz!
E a mata fez-se paz!



Com tudo de normal e anormal
Que acontece entre um casal!
E a proteção da mata se fez mais forte.
Amor incontestável no Norte.
Na Amazônia : Mito e amor!



**A IARA E O BOTO -
ROMANCE ATÉ DEBAIXO D'ÁGUA**





D'ÁGUA A IARA E O BOTO - ROMANCE ATÉ DEBAIXO

IA Iara conheceu o boto
Numa noite de lua cheia
Por volta de meia noite e meia
A lua jogava seu clarão



Sobre as águas do Rio Amazonas!
Os mistérios dos rios são tantos...
Suas lendas, e encontros, e encantos!
Que, mesmo os encantados,
Podem ser surpreendidos.
Foi assim que, esses dois distraídos,
Nadando; perdidos em pensamentos,



Sentiram fortes ventos
E a lua banhar a água
Em meio a um trovão.
De repente, um esbarrão,



Enquanto nadava num canto qualquer,
O boto esbarrou numa mulher.
Esbelta, cabelos longos e negros,
Olhos negros, olhar forte, pele clara.
E, logo reconheceu a belalara!
E ela o reconheceu também.





Nas águas claras de intenso valor.
Era o Boto namorador!
Tão falado entre lendas e mitos .
E os dois ali, parados e aflitos!
Ele, olhar instigante; ela, paralisada.
Ficaram se olhando sem dizer nada
Durante minutos e minutos a fio.
Sentindo as águas do rio
E analisando o outro ser à sua frente.
- Eu te conheço! Disse ele, de repente!



- Bela lara, protetora das águas,
Incansável na guarda, noite e dia!
Cuida das águas como mãe cuida da cria,
Sem deixar que lhe façam mal!

E ela, após o susto passado:

- Eu também te conheço, moço bem afeiçoado,
Que dança e encanta as moças do lugar!
Sem amor, sem se apaixonar,
Mas não é, de todo mal!



Daí, nadaram pra beira do rio.
Pra um pequeno porto ribeirinho
Perto da mata verde-avelã
E pegaram conversa até de manhã
Quando o sol começava a nascer
E acordavam os moradores do lugar.
Era tanta coisa pra falar



Que, perdiam-se algumas listas.
Ela, do seu trabalho; ele, das suas conquistas!
E o tempo voou veloz e belo!
Num cenário verde, lilás, amarelo...
E dizem que alguns moradores do lugar
Ainda viram os dois vultos a mergulhar





Para escaparem da curiosidade geral,
Os dois foram para as profundezas das águas
Longe do burburinho da cidade.
Começava ali, uma grande amizade!
A moça era recatada, sim senhor!
Depois sim, a amizade poderia virar amor!
Mas só depois, bem depois!
Daí por diante, sempre juntos os dois!
E o tempo trouxe conhecimento .
Eles travaram um trato de fortalecimento
No árduo trabalho da moça em questão,
De cuidar bem das águas, bela missão!
Que agora contava com uma força a mais
Do, belo e forte e dedicado rapaz!
Que agora atuava no reforço desse trabalho .
Dia e noite, noite e dia.
E subiam e desciam da água fria
Pra afugentar quem quisesse lhe fazer mal.
Pra lara, é pena fatal,
Qualquer mal, feito ao rio.



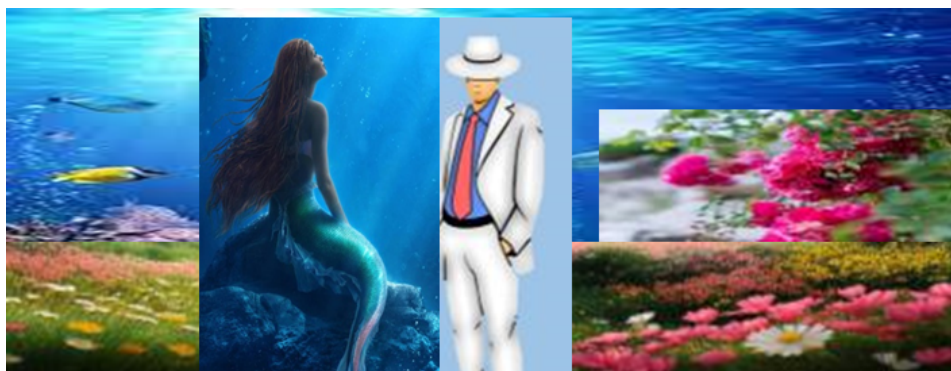


Seu trabalho é incansável.
A vida do rio, é sua vida!
Mulher doce, mas atrevida!
Quando o assunto é rio poluído,
Ninguém escapa de ser punido.
Ninguém foge do seu grito agudo
Ou de ser puxado pras águas profundas,
Se fizer mal às águas do lugar.
Então, passados algumas luas, alguns ventos,
Ela foi cedendo aos encantamentos
Do Boto encantador!
Que, lhe mostrou ternura e amor,
E provou esse amor com atitudes
De ajuda e proteção.
O Boto fisgou seu coração
Com mão atrevida e doce ternura!
E a bela lara, de atitude dura,
Disse sim ao Boto, SIM!
Lá no fundo do rio, num jardim!
Que, só eles conhecem a fundo.
É outro tempo, outro mundo!
Um mundo de encantos, cores, vidas, fantasias...
De, claras noites, claros dias!





Sub- mundo fantástico, de divindades e glórias.
Onde eles se reúnem pra brindar suas vitórias,
E sorrir e dançar, em longas conversas,
E sugestões e também, chorar suas mágoas.
Pela rebeldia humana e desprezo com as águas.
Esse lugar é sagrado para todos os mitos!
Por isso, os ribeirinhos, às vezes, ouvem gritos.
São gritos de festa e alegria
Que vem de lá, do jardim da profundidade.
Cada mito tem sua força e beleza!
E é respeitado por toda a comunidade.
E assim, lá no fundo das águas claras
Aconteceu o casamento do Boto com a Iara.
Ele, roupa branca e chapéu.
Ela, branco longo e flores no véu!
Tudo num tom branco, meio azulado.
Ora azul, ora lilás, ora rosado.
Tudo lindo naquele jardim festivo!
E a noiva disse: - "Aceito o Boto e , com ele vivo!"





Enquanto eu o fizer feliz
E ele fizer feliz a mim!
Assim, nossa vida será sol e chuva e brisa”
Aí, a lara mãe, sacerdotisa,
Perguntou ao noivo:
- E você, o que diz?
Ele : - “ Eu também quero ser feliz,
Com o que eu quero e o que ela quiser,
A recebo como minha mulher
No recato do jardim, os dois contentes,
Plantar e colher nossas sementes

E, delas fazer sementes boas”!
Daí pra frente, as pessoas
Passaram a ver dois vultos nas noites estreladas,
Mergulhando nas águas do Rio Amazonas!

A autora





Magnólia Borges

Magnólia Borges

Magnólia Borges, Paraense da gema. Nascida e criada em Belém do Pará. Estudou sempre em Escola Pública. Graduada e pós graduada em Letras pela UFPA. 26 anos de trabalho como Educadora. Poetisa, contista e compositora. Faz um Trabalho crítico irônico, abordando os mais variados temas. Já lançou alguns livros de poesia. Agora, envereda pelo caminho da poesia narrativa; com temas Amazônicos e outros com enredo quase infantil, de contação de histórias. Atualmente faz parte da Academia de Letras de Belém (ALBEL).

CONTATOS:

megsbdn@gmail.com

(91) 987276764 / 984729425

Editora Gato Ed

